

Entrevista para Marcello Moreira

A.H.: Eu gostaria de começar nossa conversa lhe perguntando quantos anos você tem agora, com quantos anos começou a colecionar arte e por que começou sua coleção.

M.M.: Tenho 49 anos e principiei minha coleção, se é que se pode dizer que de fato a iniciei quando comprei meu primeiro papel, quando tinha 17 anos. Quando se tem 17 anos e se gosta de arte, como eu sempre gostei, a compra de um papel, mesmo que já se tenha a intenção de colecionar arte, não se me apresenta como um ato fundante. Em colecionismo, a perseverança ao longo dos anos faz de fato toda a diferença. Mas para responder à sua pergunta, comecei minha coleção porque descobri que havia arte à venda, que nem toda a arte estava nos museus; descobri que se podia ter obras em casa e que se podia, portanto, vê-las, sempre que se desejasse. O desejo de contemplação, esse sim sempre constante, podia ser satisfeito com um acervo particular. Sempre tive o hábito, que foi objeto de crescente disciplina, de ver as obras de minha coleção; o engraçado é que dificilmente as vejo de dia; tenho o costume arraigado de contemplar arte à noite, quando a luz não é a melhor para vê-las.

A.H.: Quando a compra de obras se tornou mais sistemática, já que você diz não ter começado sua coleção aos 17 anos?

M.M.: Quando tinha 17 anos, tinha muito pouco dinheiro para comprar obras, mesmo que consideremos minha coleção de arte uma coleção em que há basicamente desenhos e gravuras. No entanto, pode-se dizer que desde esse tempo, para mim tão recuado, todo o dinheiro que eu então conseguia se transformava de certo modo em arte. No princípio, só conseguia comprar gravuras; as primeiras peças que incorporei à minha coleção são litos de

Otávio Araújo, pertencentes à série que ele expôs no Masp em 1972, cujo catálogo tenho em minha biblioteca. Desta série espetacular, não tenho ainda todas as peças, a despeito de procurá-las por mais de trinta anos. É engraçado como em colecionismo as nossas expectativas são constantemente frustradas, e como encontramos coisas espetaculares em que nem pensávamos, mas não encontramos aquilo que desejamos. Talvez um dos prazeres do colecionismo derive justamente dessa deriva em que fica o colecionador. Comecei a comprar mais obras, e obras não seriadas, ou seja, desenhos, quando ingressei de fato no mercado de trabalho. Tinha então 22 anos e podia, porque morava com mamãe, usar todos os meus recursos para comprar arte e livros, o que fiz. Depois, aos 24, quando mudei para Vitória da Conquista e tive de manter minha própria casa, fui obrigado a comprar menos do que nos dois anos anteriores. À medida que obtive meu título de mestre, me doutorei e ascendi na carreira docente, passei a ganhar mais e pude comprar mais obras, e obras cada vez mais caras.

A.H.: Você ainda compra obras com frequência?

M.M.: Sim , compro-as todos os meses, sempre que tenho dinheiro sobrando. Ainda é possível achar obras incríveis no mercado de leilões; o ruim é ter de ver todos os catálogos de leilão de São Paulo e Rio, que são muitos. A regra é não encontrar coisas boas em todos eles; uma parte da procura consiste em ver frustrado o desejo de deparar-se com algo excepcional e barato, mas que às vezes acontece.

A.H.: Você compra todo tipo de obra de arte em papel?

M.M.: Antigamente, quando tinha menos dinheiro, comprava sobretudo gravuras; depois, a partir do momento em que tive mais dinheiro disponível, passei a comprar desenhos (chamo desenhos todas as técnicas sobre papel

que não resultam em obras múltiplas); em um primeiro momento, decidi comprar papéis do século XX; depois, ao perceber que o recorte era muito largo, passei a comprar papéis produzidos entre as décadas de 40 e 80; posteriormente, reduzi ainda mais esse recorte, comprando papéis produzidos entre os anos 60 e 80 (desta última década, compra papéis produzidos somente nos seus primeiros cinco anos). Embora ainda compre gravuras, só as compra se posso pagar pouco por elas; é sempre para mim uma questão de oportunidade. Tenho dó de gastar meu dinheiro com gravuras, embora não economize para comprar desenhos. Coisas de colecionador.

A.H.: Quais são os grupos, movimentos, artistas mais bem representados em sua coleção?

M.M.: Há uma larga seção destinada à abstração informal, que prefiro ao projeto construtivo da arte brasileira. Tenho também muitas obras da chamada “nova objetividade”, e procuro persistentemente obras dos anos 60 e 70 que se integrem a esse movimento. Há artistas que estão representados em minha coleção por uma única obra – caso de muitos deles –, e há artistas representados por muitas obras – uns poucos. Entre os que estão representados por mais de vinte obras encontram-se Octávio Araújo, Ubirajara Ribeiro e Tomoshige Kusuno, artistas que adoro.

A.H.: Qual o papel do colecionismo? Ele atende apenas a um desejo de fruição, sem considerar, é claro, o desejo de fruição desimportante?

M.M.: Se o colecionismo radica-se em um desejo de ver, por outro lado ele ganha, assim que se começa a estudar arte brasileira e a frequentar assiduamente nossos museus, uma dimensão social. Nossos museus têm em geral acervos descontínuos, do ponto de vista histórico, e as melhores

peças não estão normalmente depositadas em coleções públicas. Creio que o colecionismo em um país pobre como o é o Brasil deve implicar compra seletiva de obras de arte, de desenhos, por exemplo, que formem uma história contínua de uma dada duração – anos de 60 a 80 –, com alta qualidade artística, e que possibilite uma melhor compreensão do fazer artístico entre nós; é preciso dizer que uma coleção de papéis, de desenhos, tem uma característica muito peculiar, que é a de ser necessariamente heterodoxa frente ao cânone; o desenho foi durante muito tempo, e é ainda hoje, pode-se dizer, o primo pobre da pintura; compreendeu-se o desenho frente à pintura como obra inacabada, *in fieri*, e era esse estado precário que o tornava tão pouco atraente para os “verdadeiros” colecionadores. Uma coleção de desenhos que visasse a replicar o cânone da pintura seria um péssimo arremedo desse cânone. Uma coleção de desenhos deve ser por natureza não-canônica e deve englobar em si artistas que não estão representados em coleções de pintura e que estão também ausentes das grandes coleções museológicas. Uma coleção de desenhos deve questionar em primeiro lugar a constituição do cânone e sua validade e deve também buscar entender as razões para a exclusão do cânone de tantos artistas e, sobretudo, de estados inteiros do país e até mesmo de regiões inteiras, como se dá com o norte e o nordeste.

A.H.: O que você acha da arte baiana do século XX? O que acha da arte baiana produzida entre as décadas de 40 e 80?

M.M.: Gosto muito da moderna arte baiana. Há artistas, poucos, como é o caso de Mário Cravo, que foram integrados ao cânone da arte brasileira, embora não ache que Cravo tenha uma posição central nesse cânone; há na Bahia um grande número de artistas, no entanto, cujas obras são totalmente desconhecidas do público e inclusive da crítica de São Paulo e Rio, e que,

tristemente, são ainda mais desconhecidos dos próprios baianos. Quem se lembra, para só nos atermos aos gravadores baianos, tão numerosos e bons na década de 60, de Sônia Castro, Edízio Coelho, Hélio Oliveira, Adam Firnekaes, Edson da Luz, José Maria de Sousa etc. etc. etc.? Quantos são os artistas baianos cujas obras são encontradas em leilões, vendidas a preço de banana, sem que se saiba muita vez a importância desses artistas para a história do modernismo brasileiro? Creio que uma boa coleção de papéis, de desenhos e gravuras, tem o dever de integrar esses artistas e suas obras ao acervo que criticamente se constrói. Fico feliz de ter em minha casa obras de Hélio Basto, dos anos 50, belíssimas, e de tantos outros artistas baianos cuja memória, se não a preservarmos, virará pó em pouquíssimos anos.

A.H.: É difícil colecionar? Qual o maior investimento que se exige de um colecionador?

M.M.: É difícilíssimo colecionar. Colecionar demanda constante estudo. Demanda acurada leitura de livros, catálogos, ensaios etc., que implica investimento de tempo. Educar o olho é outro fator importantíssimo, pois ninguém nasce com os olhos educados para ver arte. É preciso ir a exposições para ver o que há de melhor. É preciso investir tempo também na busca por novas obras e em sua seleção. Há, é claro, o investimento propriamente monetário. É preciso gostar mais de arte do que de dinheiro para ser um verdadeiro colecionador.